

A outra razão é devida à posição das pedras da alvenaria relativamente ao solo, do qual distam aproximadamente um metro. Ao toque, a pedra de granito sita na parede norte da igreja solta pequenas “escamas” que se destacam (**fig. 106**). A presença de eflorescências e de arenizações é devida aos seguintes fenómenos:

1. Os poros da estrutura cristalina são preenchidos por água e vapor de água através dos ciclos de condensação / evaporação, provocados pelas amplitudes térmicas. Algumas ligações cristalinas acabam por se dissolver na água (os tetraedros superficiais são logo hidratados e alterada a sua configuração com a expulsão do sódio) e, conseqüentemente, a resistência a esforços externos diminui. Os feldspatos ficam baços e desagregáveis pela perda da alcalis e da sílica, em substituição da alumina e da água: é o processo de caulínização.
2. A ascensão das águas subterrâneas por capilaridade traz consigo sais solúveis (salitres) e a molhagem das águas pluviais acelera o processo de degradação da estrutura cristalina com o preenchimento dos vazios com os sais e um aumento das tensões intercristalinas. Os nitratos de sódio e potássio são de origem biológica (reino animal - ovelhas) que são dissolvidos na água do solo.
3. Por outro lado, a acção do vento alternada com a da água provoca a dissolução, transporte e recristalização dos referidos sais. A continuidade do fenómeno de dissolução - cristalização traz a destruição da estrutura cristalina por acção mecânica.

Uma solução salina, proveniente dos produtos fisiológicos dos animais, é transferida através da água, por capilaridade, para os poros e microfissuras do granito e depositada (quando a água se evapora) na sua superfície, dando origem a eflorescências e/ou dentro dos poros entre os cristais, originando as criptoflorescências. O fenómeno de dissolução/recristalização dos sais provoca pressões internas que danificam a coesão da estrutura cristalina, a qual se fragmenta e toma a forma de eflorescências.

O silhar do cunhal de um contraforte (igreja, alçado norte), está bastante alterado, apresentando uma cor acastanhada e em estado de arenização. Tem lacunas de material pétreo pela sua situação geográfica (a) e sujeita a esforços mecânicos de origem animal (b):

- a) O regime eólico é aqui relevante pelo facto de incidir predominantemente na direcção noroeste.
- b) Devida à fragilidade da estrutura cristalina, a acção de qualquer choque ou esforço vai provocar fracturação e desagregação. Pelo que foi dado observar, este local é sombrio durante a manhã e parte da tarde, oferecendo alguma frescura a um rebanho de ovelhas pertencente à exploração da quinta. Curiosamente, os animais procuravam as paredes para se encostar (esforços de compressão) e refrescar. Deste modo, acabam por desgastar as rochas que se encontram desprotegidas, sem qualquer reboco de revestimento.



Fig. 104 - Convento do Carmo de Vidigueira.
Decaimento biológico numa mísula



Fig. 105 - Convento do Carmo de Vidigueira. Parede norte da igreja. Pedra pouco alterada



Fig. 106 - Convento do Carmo de Vidigueira. Parede norte da igreja. Pedra muito alterada

A dissolução dos minerais do calcário é feita através da presença da água, associada ao dióxido de carbono. Daí resulta o sulfato de cálcio, sob a forma de gesso (é um pouco solúvel com a água) e o carbonato de cálcio que, combinados com o ácido carbónico das chuvas ácidas, se transformam em bicarbonato de cálcio. Forma-se então uma película superficial, de cor amarelo-acastanhada, ou adquire o avermelhado da *terra-rossa*, derivada da limonite, devida à percentagem de óxidos de ferro hidratados. Apresentam-se alguns exemplos de decaimento do mármore pela acção química:

- **Fig. 107.** Pia de água benta. Igreja, escadaria de acesso para o coro-alto.

É evidente que a água deixou, há muito tempo, de existir como elemento de desequilíbrio, mas a presença de pequenos pássaros provoca a deposição de ácidos orgânicos como o ácido úrico que degenera em uricite (sal muito insolúvel) e reage com os fosfatos de cálcio da pedra.

- **Fig. 108.** Cantaria em mármore de uma porta. Igreja, coro-alto.

A substância química que escorre pela cantaria direita, oriunda das juntas, poderá ser produto de uma dissolução da argamassa de cal e areia por ácidos formados pelas paredes em associação a uma elevado grau de humidade (infiltrações de águas pluviais). Na cantaria esquerda, uma ligeira *patine* de óxidos de ferro demarca algumas fissuras verticais pouco profundas (em baixo); na parte superior, uma fissura mais pronunciada favorece a infiltração de água.

No caso da cantaria em mármore da porta da sacristia, pode suceder uma forma de decaimento químico de um mármore sensível por acção de chuvas ácidas. A acção do dióxido de enxofre produz gesso pela sulfatação, seguindo-se a dissolução do carbonato de cálcio pela escorrência das águas pluviais nas superfícies que vão perdendo material²²².

²²² Ob. cit., BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, pp.249 - 253.



Figs. 107 a 109 - Convento do Carmo de Vidigueira

Fig. 107 - Pia de água benta

Fig. 108 - Cantaria de mármore, porta do coro alto

Fig. 109 - Fissuração longitudinal do mármore

Fig. 110 - Fissuração transversal do mármore



Nas **figs. 109 e 110** observam-se dois tipos de fissuração em degraus de mármore:

1. Fissuração longitudinal devida à hidratação/insolação (a rocha está orientada para poente) e às variações térmicas que incrementam o crescimento de microfissuras. Por outro lado, a superfície apresenta-se baça e carcomida pelo fenómeno de sulfatização. Por cima, os veios do mármore já são só puros óxidos de ferro (**fig. 109**);
2. Fissura transversal em relação à direcção dos veios no espelho e cobertor. Este último apresenta óxidos de ferro e uma faixa alterada devida à ascensão de sais na água por capilaridade (**fig. 110**);

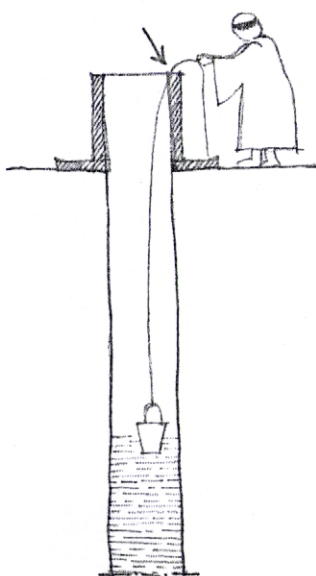


Fig. 111. Convento do Carmo de Vidigueira. Corte esquemático do poço do claustro.

Os blocos que formam as paredes deste poço, apresentam um grande desgaste provocado pelo uso contínuo de cordas e correntes, quando era necessário trazer água para cima. Os pontos erosionados concentram-se nos bordos centrais de cada face da pedra, nos quais as juntas de união das peças se têm vindo a afastar e a permitir a deposição de água e alojamento de micro e macroorganismos, tornando-as deste modo em pontos de deterioração. Por outro lado, a base tornou-se côncava pelo desgaste dos pés.

Um outro aspecto que esconde a beleza desta obra marmórea é a acção biológica que cobre, quase na sua totalidade, as superfícies. A presença dessa manifestação viva revela-se através de :

- Manchas esbranquiçadas ou acastanhadas de forma aproximadamente circular (os familiares bolores e fungos) que formam uma capa. As hifas lançam uma rede - o micélito - que constitui o aparelho de nutrição e parte permanente do fungo que tem a capacidade de desencadear reacções físico-químicas, como acções de biolixiviação, biocorrosão e bioabrasão²²³. Esses filamentos podem ou não penetrar nos cristais dos minerais, conforme o tipo de líquen: nos líquenes epilíticos, as hifas apenas aderem à superfície; nos líquenes endolíticos, as hifas ramificam-se por entre a estrutura cristalina aproveitando os vazios e discontinuidades, provocando em seguida uma desagregação mecânica. Depois vem a acção química pela segregação de ácido oxálico pelos referidos organismos e que dissolvem a calcite²²⁴;

²²³ Cf. BARROS, Luís Ayres de - *Alteração e alterabilidade de rochas*, p.277.

²²⁴ *Idem*, pp. 278 e 281.

- A possibilidade do alojamento de bactérias heterotróficas que vivem em associação com os líquenes, ao necessitar de matéria orgânica como fonte de energia e carbono. “*As rochas alteradas possibilitam um amplo desenvolvimento de população bacteriana nas suas partes decaídas e ao longo da enorme rede de fissuras*”.²²⁵ No entanto, as bactérias autotróficas, que não necessitam de matéria orgânica mas apenas carbono, têm uma acção bastante activa no processo de meteorização da rocha: algumas podem oxidar o enxofre e transformá-lo em sulfato, que também reage com a calcite, à semelhança da acção das chuvas ácidas²²⁶;
- A deposição de sujidades, como partículas de carbono e sulfatos, desencadeia o mecanismo de sulfatação do mármore que se manifesta através de um processo de formação de camadas claras e negras de gesso, (nas **figs. 112 e 113**, o caso não toma as proporções desastrosas de , por exemplo, um calcário da Batalha), em que o carbonato de cálcio é transformado em sulfato de cálcio devido à acção das chuvas ácidas e poluição geral da atmosfera.



Fig. 112 - Convento do Carmo de Vidigueira.
Claustro. Poço em mármore



Fig. 113 - Convento do Carmo de Vidigueira.
Claustro. Poço em mármore, pormenor

²²⁵ *Ob. cit.* BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, p.279.

²²⁶ *Idem*, pp. 278 e 281.

A cantaria de revestimento de um contraforte do claustro (vide **fig. 114.**) revela uma evolução vegetal em relação ao exemplo anterior, uma vez que os líquenes, ao dissolverem os minerais e sintetizarem a matéria orgânica formam um solo, ainda que primário, capaz de suportar uma espécie mais exigente como o musgo. Com a existência de fissuras provocadas pelas hirtas dos líquenes, as raízes dos musgos vão agravar mais o processo de meteorização. Em toda a superfície se manifestam os mesmos fenómenos descritos no caso do poço. Porém, como o acesso a este elemento é mais restrito e a sua limpeza difícil (local pouco acessível, superfícies recortadas), a vegetação é mais exuberante. O microclima deste pequeno e fechado claustro também promove o desenvolvimento de toda esta flora:

- Clima ameno, protecção de ventos fortes e concentração de algum calor através das paredes do edifício;
- Boa exposição solar; contudo, a abundante vegetação (árvores, arbustos e trepadeiras) protege o piso inferior das radiações (luz difusa): tanto o poço como os contrafortes apanham pouco sol;
- Efeito estufa e humidade relativa do ar elevada, devida à presença da vegetação;
- Maior quantidade de microorganismos associados à vegetação (outros fungos parasitas, saprófitos e em simbiose), ou existentes em suspensão no ar;
- Abrigo de aves, o que implica a existência do processo de decomposição de fosfatos de cálcio (excrementos de aves)²²⁷.

O tampo da mesa em altar em mármore, apresenta uma infestação biológica semelhante à da cantaria do poço, se bem que o microclima envolvente seja diferente (**fig. 115**):

- Clima mais seco e maiores amplitudes térmicas;
- Ângulo de incidência da chuva na perpendicular e sem obstáculos (protecção da folhagem, por exemplo);
- Maior exposição aos ventos (os dominantes são de noroeste);
- Maior exposição solar (está orientado a poente);
- Presença de vegetação, mas mais afastada.

²²⁷ Ob. cit. BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, p. 280.

É natural que uma pedra que esteve sempre dentro de uma igreja, tenha sido imediatamente atacada por fungos e bactérias a partir do momento em que fica exposta às intempéries e num espaço de tempo menor que as do poço (**fig. 115**):

- A superfície é mais rugosa. O tratamento superficial está menos cuidado e somente preparado para ambientes interiores;
- Apresenta maior porosidade e grau de permeabilidade à água;
- Possibilidade da estrutura cristalina ser menos coesa e portanto, resistir menos ao choque e à desagregação, como se observa nos bordos.

Na **fig. 114** - Contraforte do claustro, observa - se a presença de mais dois elementos:

1. Na saliência mais pequena, um minúsculo abrigo de insectos
2. Um prego espetado na rocha (em segundo plano), donde advém o enferrujamento do mesmo e fissuração do elemento pétreo



Figs. 104 e 105 –
Convento do Carmo de
Vidigueira

Fig. 115 - Tampo em
mármore da mesa em
altar, actualmente sita
no jardim; outrora na
capela mor

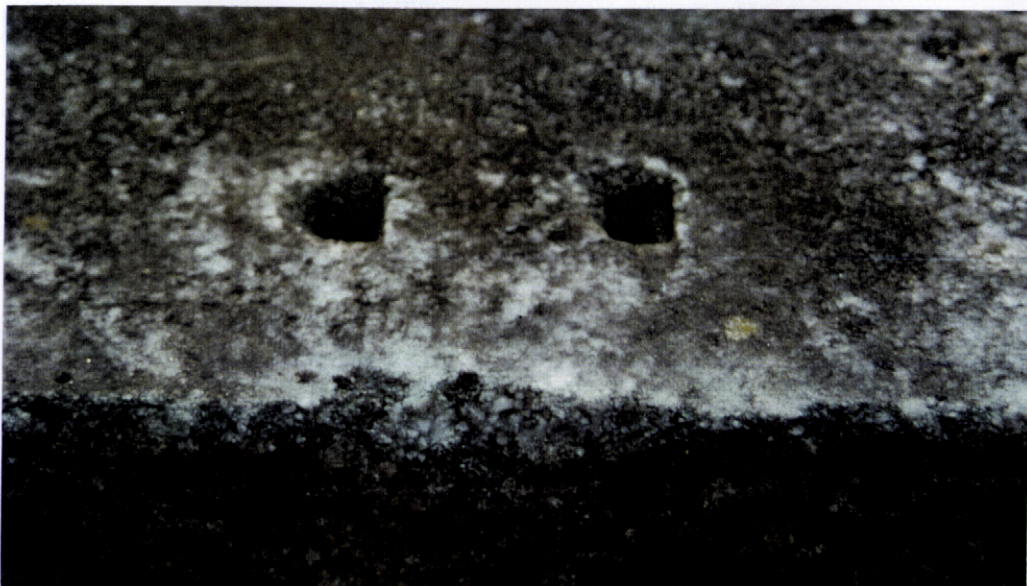




Fig.116. - Convento do Carmo de Vidigueira. Cruzeiro. Eixo da fachada da igreja.

Esta peça é a única que, desde o século XVII, não sofreu intervenção humana²²⁸. Aqui permaneceu, abandonada, sujeita às intempéries do clima e à mercê do rebanho de ovelhas. O seu estado geral é preocupante: a base ameaça perder estabilidade dado existir um grande distanciamento entre juntas, as superfícies esbatem - se perante os ataques da chuva, do vento e dos agentes biológicos, e a cruz demonstra um avançado grau de fissuração. Este último exemplo apresentado consegue reunir muitas das patologias que foram referidas, sintetizadas num só objecto.

As alterações do mármore estão relacionadas com variados factores (vide **fig. 117**):

²²⁸ Desde a extinção das Ordens Religiosas, todo o conjunto edificado sofreu grandes alterações.

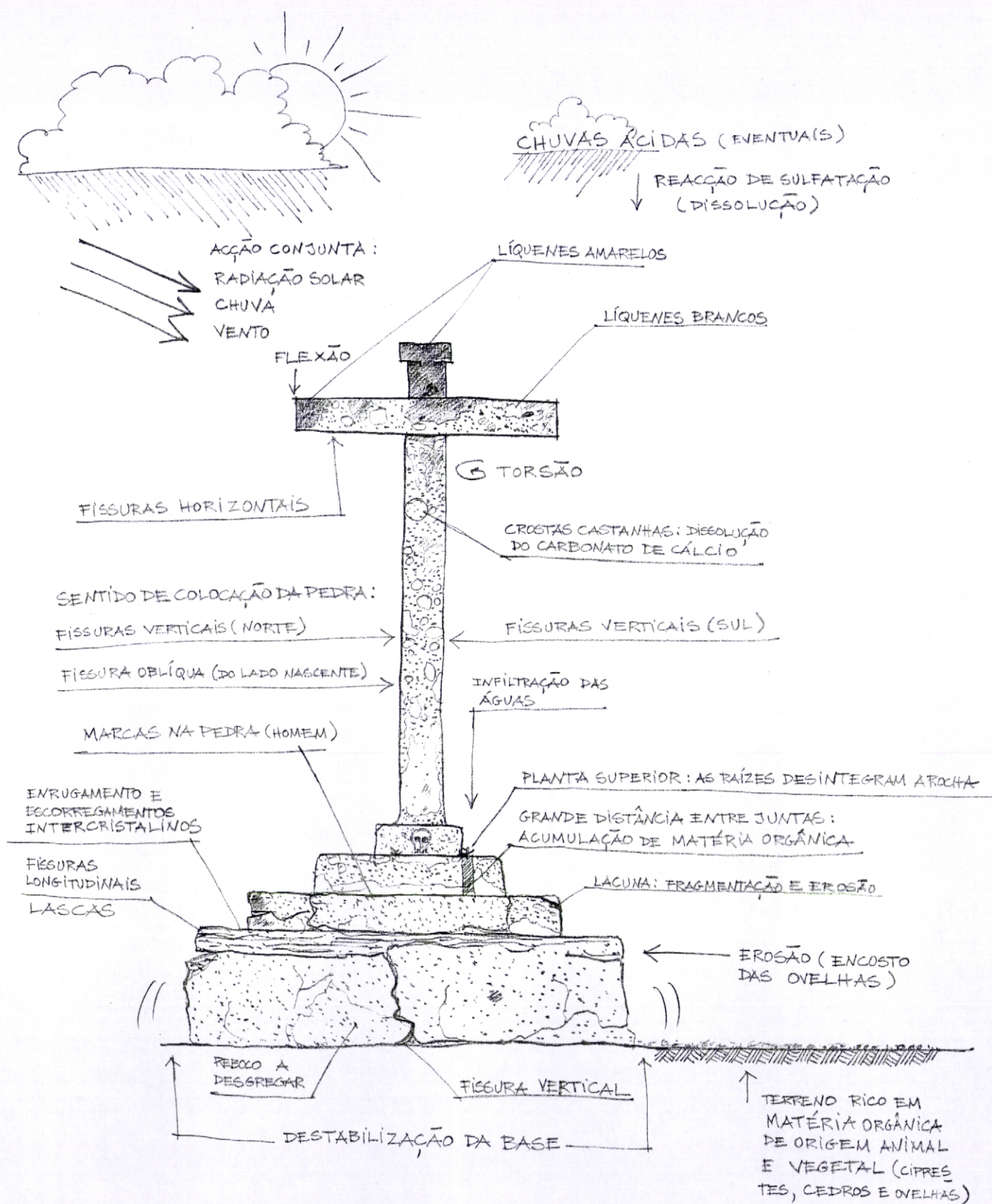


Fig. 117 – Convento do Carmo de Vidigueira. Síntese das patologias do cruzeiro



Fig. 119



Fig. 120



Fig. 118



Figs. 118 a 120 – Convento do Carmo de Vidigueira. Cruzeiro.

Fig. 118 - Pormenor do crucifixo, lado sul

Fig. 119 - Pormenor do crucifixo, lado nascente

Fig. 120 - Pormenor do crucifixo, lado norte



Fig. 121 – Convento do Carmo. Pormenor do crucifixo e base, lado poente



Fig. 122 - Convento do Carmo. Junção de pedras, base do crucifixo; planta

- Em contacto com a atmosfera, a acção conjunta da pressão atmosférica / temperatura do ar / energia solar, vai desencadear movimentos de expansão / retracção, devido às amplitudes térmicas.
- Distorção da parte superior da pedra, devida ao *stress* do desprendimento quando a laje foi retirada da pedreira, ou ainda a uma acção conjunta de calor / frio / molhagem / secagem²²⁹. A aparência “enrugada” do mármore resulta destas acções físicas, como o fenómeno de elasticidade da calcite. A aplicação de forças de compressão produz “*escorregamentos intracristalinos por translação e geminações*”²³⁰. No entanto, ao observarmos de perfil, a laje encontra-se lascada, com gradações: as camadas mais finas encontram-se à superfície, enquanto que as últimas estão numa fase de laminação mais atrasada (a estrutura ainda tem alguma coerência). Em suma, “(…) o grau de orientação preferencial dos cristais de uma rocha calcária é o reflexo dos constrangimentos mecânicos sofridos). Os fragmentos desagregam - se por lascas e deixam as cicatrizes de desligamento, geralmente lineares, na rocha mais estável (fig. 121).
- O fenómeno de fissuração não podia deixar de ocorrer, dado a exposição das pedras a um microclima hostil e que fornece uma energia com variações de intensidade. Tais amplitudes desenvolvem tensões internas que levam ao desligamento dos cristais na direcção das ligações mais fracas. Estas fracturas seguem, normalmente, a configuração das linhas e planos cristalinos, originando fissurações longitudinais (figs. 118, 119, 120 e 121); no entanto, também são encontradas outras com direcções perpendiculares (fig. 120) e oblíquas (fig. 119). A fissura surge quando a tensão de tracção é superior às forças de ligação dos cristais²³¹ e propaga - se entre os grãos, por “(…) as ligações intercristalinas terem energia superior às ligações intergranulares”²³². No caso da pedra vertical do crucifixo, a sobrecarga do braço pode não ser muito grande, mas de facto, é nesta direcção que a principal tensão está a ser exercida, coincidente com a orientação das fissuras. Como se observa, a sua propagação intergranular fez-se em cadeia e de baixo para cima, em reacção com a força exercida superiormente. A parte final desta fissura toma a forma de ramificações (fig. 118).

²²⁹ Ob. cit. BARROS, Luis Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, p. 3.

²³⁰ Idem., p. 263.

²³¹ Idem, *ibidem*.

²³² Idem, p. 267.

- Pedras fissuradas e juntas desligadas ou mesmo quebradas, conduzem a um movimento da estrutura, devido a um mau assentamento ou deficiente junção entre elementos²³³. As juntas abertas permitem a infiltração da água, a concentração de matéria orgânica e abrigo de microorganismos, algas, fungos, musgos e plantas superiores (fig. 122).
- A disseminação de crostas castanhas, compostas por gesso e óxidos de ferro provenientes dos veios ferrosos do mármore, é o resultado da dissolução do carbonato de cálcio, que deixa uma fina película à superfície da rocha (figs. 119 e 120).
- As chuvas ácidas alteram o calcário ao desencadear reacções de sulfatação (transformação da calcite em gesso) e de dissolução (remoção desse gesso numa solução aquosa ácida)²³⁴. Em combinação, a acção biológica tem aqui um papel relevante, uma vez que é possível a presença de bactérias que contribuam para o processo de dissolução.
- A acção de vandalismo do homem que deixa sempre marcas, por vezes irreparáveis.

A jeito conclusivo, pode dizer-se que os fenómenos de degradação das pedras deste conjunto edificado resultam das transformações físico-químicas verificadas entre os elementos do clima, substâncias inertes e vivas, acções humanas - como a poluição e o vandalismo -, e a estrutura cristalina das mesmas, ao longo de determinado espaço de tempo.

Além dos factores ambientais e humanos, as circunstâncias históricas do edifício também tiveram o seu peso, tendo em conta o espírito artístico da época e consequentes intervenções materiais: algumas pedras foram protegidas, outras ignoradas ou mesmo destruídas a golpe de camartelo, separadas do todo e abandonadas, à mercê dos agentes meteóricos.

Os exemplos apresentados conseguem, apesar das muitas superfícies rebocadas, dar uma noção do actual estado de conservação dos dois principais tipos de rochas encontrados, tendo sido detectadas algumas patologias.

O passo seguinte deverá procurar a melhor forma de proceder à sua conservação, sem esquecer as circunstâncias actuais de utilização, o ambiente envolvente e o valor patrimonial do imóvel.

²³³ Cf. ASHURST, John & Nicola - *Stone masonry, Practical Building Conservation*, Hampshire, Gower Technical Press, 1990, v. I, p. 2.

4. Indicações metodológicas de recuperação do convento

4.1. Critérios gerais de intervenção em monumentos

Assiste-se hoje a um crescente interesse na recuperação de monumentos e imóveis com valor arquitectónico. Porém, o estado de degradação a que chegaram e o tipo de utilização a que foram sujeitos, comprometeu a autenticidade histórica e estética dos edifícios. Em muitas acções de recuperação nem sempre se optou pelas formas mais adequadas na conservação das construções, implicando por vezes o recurso a profundas intervenções, quer a nível funcional, quer a nível da utilização de materiais e técnicas construtivas (incompatíveis e irreversíveis em relação à estrutura do passado).

Uma intervenção num conjunto edificado desta natureza, como o convento do Carmo, implica sempre uma reflexão ponderada sobre que valores a conservar e de que forma é feita essa conservação. Os critérios de intervenção baseiam-se nos princípios definidos na Carta de Veneza, de 1964, e na Declaração de Princípios da Sociedade para a Preservação do Património Construído, ou seja, no princípio da mínima intervenção possível.

Tendo em conta esta filosofia e, se for possível a concretização dessa intervenção, há que recorrer a uma equipa pluridisciplinar que deverá aprofundar a investigação até aqui iniciada, onde entre a exposição/proposta de resolução de problemas técnicos inerentes a cada especialidade, se discutem os princípios a salvaguardar, referenciados no mesmo contexto cultural. As medidas de recuperação, baseadas nos princípios acima mencionados, estão contidas nas seguintes linhas de força:

- Obtenção de documentação²³⁵ o mais completa possível, antes de intervir;
- Recuperação do convento e igreja²³⁶ com base na menor intervenção possível;
- Conservação do máximo de elementos originais;
- Utilização de materiais e técnicas tradicionais;
- Preservação das características tipológicas e da unidade estética do conjunto, que afinal, também domina o espaço envolvente;

²³⁴ *Ob. cit.* BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, p.263.

²³⁵ Esses documentos são escritos, desenhados e fotográficos.

²³⁶ Esta acção é igualmente extensível para as seguintes construções que fazem parte do cenário envolvente: Ermida de St.^a Luzia, pavilhão na zona nascente da cerca, ponte, tanques e nora.

A realidade é que, na acção de preservação da traça arquitectónica do conjunto edificado, coexistem duas linguagens balizadas temporalmente: a quinhentista, correspondente à génese do objecto de estudo, e a oitocentista, que foi o resultado prático de uma reabilitação, tendo em conta os princípios da época.

Quer isto dizer que, na eventualidade da existência de elementos históricos não aparentes, como por exemplo, a descoberta de frescos existentes sob as várias camadas de cal, deveriam ser evidenciados esses vestígios, desde que a sua integridade não fosse posta em risco²³⁷. Porém, outra questão se coloca: e se, por hipótese, existissem na sala do capítulo ou no refeitório alguns frescos sob a capa da pintura de simulação? Que valores a considerar: os vestígios do século XV - XVI, ou uma intervenção com um século? A resposta a esta questão hipotética (e que poderia ser colocada se tais frescos fossem visíveis através de uma fotografia a raios X) não é fácil: trata-se do conceito de autenticidade histórica *versus* o de autenticidade estética. Porém, e a propósito da coexistência desta dualidade arquitectónico-temporal, talvez seja preferível, por uma questão de uniformidade estética, conservar a pintura mais recente, dando a conhecer simultaneamente os traços do que está oculto, através de uma exposição fotográfica, ali naquele espaço.

Regressemos ao concreto, a propósito da traça arquitectónica: uma vez que este conjunto edificado foi alvo de uma intervenção baseada nos conceitos de restauro romântico – e foi o que chegou até aos nossos dias –, o princípio a seguir é o da preservação da autenticidade histórica. Quanto ao ambiente conventual, nomeadamente no espaço do claustro, importa também dedicar com igual peso, a conservação de todos os elementos que testemunharam a sua fundação. O respeito pelos contributos construídos nas épocas passadas (mesmo o último, que teve intervenções irreversíveis derivadas de uma radical mudança de uso), é deixar que um historial arquitectónico seja transmitido a quem visite este convento.

Desde 1898 que o convento do Carmo perdeu a função para a qual tinha sido construído, tendo sido adaptado a funcionar como habitação sob a forma de um palacete, de acordo com os princípios de reabilitação da época. Sem esquecer a actual função do convento do Carmo²³⁸ e já que, pela precaridade das suas condições habitacionais, não é possível uma ocupação permanente, é importante a reposição dessas mesmas condições através das acções de reparação e manutenção enumeradas nos pontos seguintes (vide 4.2. e 4.3.). Uma acção de conservação nos dias de hoje tem implicações subjacentes que determinam essa iniciativa: a

²³⁷ O excesso de luz, ou a incidência directa dos raios solares, provocam um esbatimento progressivo dos pigmentos e, conseqüentemente, o seu desaparecimento. Para evitar tal falta de cuidado, ou impossibilidade de conservar esses frescos, mais vale continuarem sob a camada protectora da cal.

identidade e a história do lugar, uso de cariz social, político ou económico. Em face do valor histórico do conjunto edificado e na minimização da intervenção, afiguram-se duas funções compatíveis com a estrutura presente:

1. Habitação – actual função;
2. Centro cultural - em complemento com a actual função que este conjunto tem vindo a desempenhar, alia-se o facto da região não possuir um equipamento desta natureza e que poderá substituir a presente apatia vivida, com iniciativas que poderão até atrair pontualmente pessoas não pertencentes à região.

Os espaços da igreja e convento actualmente desocupados, com funções de armazém, ou arruinados, poderiam ter uma nova utilização, nomeadamente:

- Igreja – sala polivalente para a realização de exposições de carácter cultural²³⁹, arqueologia²⁴⁰, espectáculos de música e teatro (seria colocado um palco amovível de madeira), bem como seminários, cursos de pequena duração, etc. No que respeita à acústica do local, recorrer-se-ia a um especialista no sentido de corrigir e adaptar o espaço, através de painéis amovíveis, conforme as situações. Seria até interessante voltar a colocar um púlpito de madeira no lugar do anterior que desapareceu, visto estar num local estratégico para a zona de auditório, sem o recurso à amplificação do som emissor;
- “Sacristia velha” – recuperação total a nível da cobertura, abobadilha (reconstrução da parte abatida), colocação de um novo pavimento em ladrilho, substituição das portas e janelas de madeira por outras do mesmo material; seria de considerar, também, a reabertura da porta que comunica com a capela mor. Esta construção anexa serviria de sala de apoio ao espaço da igreja;
- Antigo cemitério – poderia transformar-se numa zona de entrada pelo lado nascente; na zona da actual lavandaria, seria de considerar a colocação de duas instalações sanitárias adjacentes à existente; contudo, em todo este pavimento haveria lugar a escavações prévias antes da intervenção;

²³⁸ Actualmente é ocupado, como foi referido na primeira parte, pela Sra. D. Maria Helena da Cunha Sampaio Paes d' Almeida e Filhas, numa situação de semi permanência.

²³⁹ Pintura, escultura, fotografia, cerâmica, vidros, cristais, ouriversaria, exposição de livros, etc.

²⁴⁰ Poderia existir até um intercâmbio entre museus, para a organização de exposições temáticas, a começar por exemplo, sobre Vasco da Gama.

- Dependências da ala norte, incluindo a igreja primitiva – locais de exposição das peças depositadas actualmente no claustro, nomeadamente a laje do túmulo de Vasco da Gama, uma pedra tumular com a inscrição mais antiga conhecida - “CARMO”, o anel de uma coluna e pedras de fecho (com motivos da ordem carmelita, manuelinos e geométricos), bases de colunas e outros elementos do espólio arqueológico proveniente das escavações;
- Sala que comunica com o refeitório e a cozinha – após a remoção do tecto falso que abateu, este espaço poderá ficar afecto ao funcionamento particular da habitação;
- Antigos dormitórios e biblioteca - demarcação no pavimento (entretanto já recuperado, com as inevitáveis substituições de ladrilhos e tratamento superficial dos que restaram) das compartimentações iniciais, ou seja, do lado do claustro, a biblioteca, e do lado da cerca, os dormitórios. Os panos de parede existentes, mas em estado de ruína, seriam consolidados, deixando este espaço tal como se encontra (*open space*) e podendo proporcionar um pequeno auditório (sala de conferências, seminários, etc.);
- Capela do segundo piso, ala norte, actualmente entulhada com os escombros da abóbada - deveria ser desobstruída com muito cuidado, o que implica um trabalho de arqueologia, podendo haver restos de frescos da abóbada que se desmoronou. Recuperar-se-iam os frescos existentes no friso abaixo da zona de arranque da abóbada. Este pequeno espaço poderia funcionar como museu ou sala de exposições, sempre num ambiente de semi-obscuridade (para protecção das características pictóricas dos frescos);

Todas as infraestruturas de apoio, como salas anexas, instalações sanitárias e zonas de arrumo/armazéns, deveriam localizar-se em edifícios anexos fora dos ângulos visuais de maior interesse, a fim de não prejudicarem a imagem do conjunto dominante, como sucede com os incaracterísticos armazéns existentes na zona norte/nascente da igreja. Exceptua-se o único armazém que recebeu um tratamento a nível dos revestimentos e cobertura, e que se situa ao lado do pórtico *de linhas profano militares*²⁴¹.

Foram esboçadas as linhas gerais para a adequação de parte do espaço a um possível centro cultural. No entanto, dada a complexidade orgânica de tal equipamento e das suas estruturas de apoio anexas, deveria ser elaborado um estudo *a posteriori* por uma equipa pluridisciplinar, como foi referido no início deste trabalho.

²⁴¹ Mencionado por ESPANCA, Túlio - *Inventário Artístico de Portugal*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1943, v. II, p. 379.

4.2. Bases para a conservação do conjunto edificado

As medidas gerais de conservação nos edifícios da igreja e convento visam a correcção de alguns aspectos construtivos que originaram as anomalias detectadas nos pontos 3.2. e 3.3., com o propósito de minimizar a acção da humidade e de todos os outros efeitos associados a este²⁴². Não só importando os aspectos construtivos, nos quais é dada relevância à utilização de materiais e técnicas tradicionais, é também essencial o respeito pela autenticidade histórica, através da conservação do maior número possível de elementos originais. Tendo em conta a preservação das características tipológicas e da unidade estética do conjunto, propõe-se a nível genérico, as seguintes acções:

- Reparação das coberturas e rebocos exteriores e interiores, através da substituição dos elementos estruturais afectados por outros do mesmo material. É o caso das telhas partidas, que deverão ser substituídas, a fim de evitar o aumento das infiltrações e o agravamento do estado de conservação dos tectos, paredes e pavimentos;
- Substituição e vigilância regular dos algerozes e tubos de queda;
- Resolução da drenagem das águas pluviais na cobertura da zona do coro alto através da condução dessas águas por novos canaletes que contornam as torres pelo lado de dentro, o que implica a alteração dos muretes que rematam o telhado;
- Protecção do extradorso da abóbada através da sua impermeabilização, com a aplicação de uma nova camada de argamassa de cal, sebo e areia. Como é uma zona de passagem e o reboco do extradorso fica novamente exposto aos agentes meteóricos e vivos, deverá ser revestido com ladrilho de barro e aplicado um produto fungicida;
- Para minimizar os problemas de humidade nas paredes semi-enterradas, deverá proceder-se à criação de uma vala de drenagem das águas superficiais em todo o perímetro do conjunto edificado, com as necessárias sondagens arqueológicas²⁴³ aquando da abertura da vala de drenagem. A correcção dos declives do terreno deverá ser feita de modo a controlar a condução das águas superficiais em relação às paredes e fundações;

²⁴² Onde há água, há vida: desde a fungos, líquenes, musgos, plantas superiores, até às térmitas.

²⁴³ É muito provável a existência de espólio desde o século XV, dada a referência que Túlio Espanca fez para a uma zona que foi entulhada, atrás da ala nascente. Vide nota de roda-pé da obra do autor - *Inventário Artístico de Portugal*, v. II, p. 381.

- Conservação de todos os vãos de portas, janelas e óculos, com eventual substituição dos elementos completamente danificados. Colocação de mecanismos de controle da abertura das janelas a alturas inacessíveis, para que haja um reforço da ventilação (diminuição das condensações);
- A garantia da uniformidade cromática nos paramentos exteriores, através de caiações aditivadas com um pigmento semelhante à cor primitiva (creme) e com um hidrófugo;
- Limpeza a nível das superfícies (remoção de bolores, algas, poeiras, excrementos animais);

Para além destas medidas preventivas e de reparação com materiais tradicionais, pensa-se que se o convento voltasse a ter uma presença humana permanente, a qual tomaria todos os cuidados apropriados, certamente que o seu estado de conservação nunca mais voltaria à degradação actual. Isso significa que, se houver cuidado em conservar os espaços através de manutenções regulares e feitas com materiais reversíveis, a durabilidade do conjunto edificado é maior.

4.3. Soluções de reparação e manutenção adequadas

4.3.1. Alvenarias, rebocos, estuques e pinturas

Como foi referido no ponto 3.3.1., as anomalias detectadas resultam na maioria das vezes, da acção combinada das várias formas de manifestação da humidade. Além disso, a possibilidade da existência de sais higroscópicos contidos nos materiais de construção das paredes, associada à ocorrência de humidades, leva a crer que esse fenómeno seja a causa principal e mais frequente das patologias observadas nos rebocos, estuques e pinturas. Infelizmente, tal situação não permite a desejável conservação de muitos elementos originais, nomeadamente os materiais de simulação no interior da igreja que, pela contínua desagregação, acabarão por cair.

Um outro aspecto que foi aludido, é o mau estado de conservação dos materiais de revestimento que protegem toda esta estrutura dos ataques externos, como a fissuração dos rebocos que se encontram directamente expostos aos agentes meteóricos, nomeadamente nas paredes e coberturas em terraço.

As propostas de reparação e prevenção enumeradas seguidamente, não se detêm no aprofundamento de questões específicas para cada caso, visto a natureza do diagnóstico recorrer à simples observação directa. Assim sendo, sugere-se o seguinte:

- Remoção dos rebocos e estuques afectados e aplicação de novos com as mesmas características, em todas as abóbadas e paredes da igreja (zona A), após correcção das anomalias detectadas. A uniformidade cromática será garantida através da renovação das zonas onde a pintura desapareceu ou está em más condições, utilizando uma técnica de aplicação e tintas similares. É possível saber que elementos constam da composição dos rebocos, estuques e tintas, por meio da realização de análises laboratoriais;
- A abóbada e paredes da portaria e do vestíbulo deverão receber um tratamento semelhante (zonas C e D);
- Na sala do capítulo (zona D), sugere-se uma correcção cromática das zonas de recobrimento das nervuras no arranque da abóbada, que apresenta uma cor diferente da do conjunto;
- Tendo sido corrigida a anomalia que afectou o espaço do refeitório - parede orientada a norte e tecto -, proceder-se-á a uma reparação geral das superfícies e, em especial, à tentativa de extracção da maior parte dos sais higroscópicos existentes nesta parede. Nos arranques da abóbada, dada a configuração das nervuras (tal como na abóbada da sala do

capítulo), alvitrou-se a hipótese de serem em granito²⁴⁴. Sendo assim, o tratamento superficial de todos os elementos, incluindo os pétreos, é a obtenção da uniformidade cromática. Alerta-se para o facto de que, antes de qualquer acção, deverá ser feita uma investigação de situações semelhantes que sobreviveram até aos nossos dias, existentes noutros monumentos, como o convento do Carmo de Moura, o convento de S. Francisco de Estremoz, a Sé de Évora, entre outros;

- As paredes que suportam colónias de algas ou bolores deverão ser limpas e aplicar nas superfícies, entretanto secas, um fungicida;
- Na zona B e D (segundo piso), todos os rebocos em mau estado deverão ser renovados e caiados;
- Os ladrilhos de barro que se encontram em desagregação deverão ser substituídos por outros do mesmo material (zona D, segundo piso).

²⁴⁴ É uma incógnita terem sido deixadas sem qualquer revestimento (mesmo que fosse uma pintura), as mísulas e as pedras de fecho. No entanto, dada a complexidade das suas formas escultóricas, seria difícil o recobrimento com reboco, por muito fina que fosse a camada. Visto não ter sido detectado qualquer vestígio do material que está sob essa camada de reboco, quer na sala do capítulo, quer no refeitório, esta observação só pode ser provada, mediante a averiguação *in loco*, através da remoção de uma pequena parte desse reboco (acção destrutiva).

4.3.2. Madeiras

O problema focado no ponto 3.3.2., reside na incapacidade em quantificar o ataque das térmitas (1) relativamente à resistência da peça atingida. Estes insectos migram através das paredes húmidas e, para sobreviverem, necessitam dessa humidade. Em face disso, a diminuição do teor de humidade nas paredes poderá, embora sem êxito garantido, afastar estes xilófagos da zona de habitat, que se situa entre os 0.5 – 1.5 m de altura da terra. No caso da substituição de peças, a madeira nova deverá ser tratada com produtos inseticidas.

A solução para o caruncho (2) reside na injeção de um produto tóxico, antes da eclosão dos ovos.

Uma outra patologia, dada a presente humidade, é a podridão provocada pelos fungos (3). Neste caso, não há a hipótese de reabilitação da madeira, a qual deverá ser substituída. O controle do ataque do fungo e das suas trocas bioquímicas é feito através do controle da humidade.

No caso das lacunas referentes a partes dos ornamentos, pensa-se que uma solução válida será a reposição dessas peças, executadas numa madeira de características idênticas, e com um tratamento final semelhante. Um prévio levantamento pormenorizado antes desta acção é importante, na medida em que essas lacunas estarão documentadas e saber-se-á qual o estado de conservação inicial.

4.3.3. Materiais pétreos

Os fenómenos de degradação dos materiais pétreos deste conjunto edificado, resultam das transformações físico-químicas entre os elementos do clima, substâncias inertes e vivas, acções humanas - como a poluição e o vandalismo -, e a estrutura cristalina das mesmas, ao longo de determinado espaço de tempo.

Por exemplo, a presença da humidade acumulada nas paredes incrementa o desenvolvimento de colónias de fungos e líquenes, que desenvolvem acções físico-químicas pelas hifas na estrutura cristalina da pedra. Por outro lado, a migração da água transporta sais solúveis, como os nitratos, que aceleram o processo de degradação da referida estrutura.

Neste material, o decaimento é contínuo e irreversível, sendo impraticáveis as substituições parciais, como pode acontecer no caso dos rebocos. Não há, felizmente, nenhum caso de fracturação que implique com a estabilidade estrutural do conjunto - por exemplo, numa mísula, ou numa pedra de fecho -, e que obrigue à colocação de uma nova peça.

Exceptua-se o caso do cruzeiro que, por razões óbvias, é considerado um elemento isolado do conjunto edificado.

A par das acções na diminuição dos níveis de humidade nos elementos construtivos e também da limpeza com água e uma escova macia, sugere-se:

- Uma remoção de todas as colónias de algas, fungos, líquenes, bolores e musgos;
- O mesmo procedimento, quanto aos ninhos de andorinhas;
- A protecção de todos os elementos pétreos com uma pintura a simular o granito de modo a dar uma certa unidade cromática ao conjunto como, por exemplo, nos espaços da sala do capítulo e no refeitório. Esta camada de tinta com uma porosidade elevada, além de permitir a ocorrência dos fenómenos de meteorização química, funciona como uma película onde se dão essas reacções superficiais. Antes desta acção, deverá ser estudada a composição dessa pintura em ambiente laboratorial, tendo como base a averiguação pormenorizada das mísulas e pedras de fecho existentes nos espaços referidos, assim como o estudo de alguns exemplos de pedras com vestígios de cor (ocre e azul) existentes no convento do Carmo de Moura;
- Recolocar a mesa em altar na igreja, a fim de protegê-la dos agentes meteóricos;
- Promover a união das juntas da base do cruzeiro com uma argamassa de cal e areia, a fim de estabilizar o conjunto e afastar a presença dos animais que ali costumam encontrar apoio.

Algumas conclusões gerais

Da interpretação dos itens contidos nas duas partes deste trabalho e propostas na introdução, concluiu-se que, relativamente à primeira parte, seria importante compreender o percurso histórico deste conjunto edificado, ou seja, as causas que determinaram o seu surgimento, extinção e reutilização. Paralelamente a essa análise histórico-cronológica, foram observados os aspectos formais e construtivos do objecto arquitectónico (balizado temporalmente entre os séculos XV e XIX), com o intuito de compreender o seu enquadramento nas linhas teóricas do passado. Da primeira parte, tiraram-se as seguintes ilações:

O convento do Carmo, fundado em 1496, foi implantado num local que combinava as condições físicas com as condições religiosas, como a pré-existência de uma ermida, em harmonia com a Regra Carmelitana. A situação da *Varzea do Zambujal* ou *das Relíquias*, era a transposição mística do Monte do Carmelo, em Jerusalém.

Como era habitual, o convento foi construído lentamente, graças às esmolas de uma população devota, até surgir a construção de uma nova e grandiosa igreja, patrocinada por D. Miguel da Gama e pelo Pe. André Coutinho. Por muito tempo o conjunto edificado não sofreu alterações, mesmo após a extinção das ordens religiosas, até que o proprietário de então resolveu apalaçar esta estrutura, transformando-a de acordo com o gosto romântico da época.

Formalmente, os alçados foram profundamente alterados: o espaço apresenta homogeneidade estética, apesar do contraste decorativo entre elementos do século XV e elementos do século XIX, a nível do interior da parte conventual²⁴⁵. Não obstante, a nível da planta, a estrutura manteve-se.

A caracterização tipológica e espacial resume-se a uma igreja com a capela mor muito desenvolvida e a planta apresentando um traçado cruciforme, derivado da existência de duas capelas laterais nos topos do cruzeiro. Quanto à altimetria, a nave (com coro alto) e cruzeiro são mais altos que a capela mor. A organização das dependências conventuais é feita sob a forma de “contínuo”, à volta de um claustro quadrado.

Mas, se a preocupação na construção de espaços regidos por um sistema modular e a geometria caracterizam esta estrutura conventual quinhentista, é a nível dos alçados do ponto de vista formal que se revela a linguagem de Oitocentos.

²⁴⁵ Por exemplo, o ambiente produzido pela aplicação de materiais de simulação no espaço da sala do capítulo, ou no vestíbulo, é contrastante com a atmosfera conventual ainda presente no claustro.

Como foi referido anteriormente, toda a concepção desta intervenção resultou numa homogeneidade estética, quer no emprego de elementos tipológicos (diferentes dos existentes no convento, mas que acabaram por dominá-los²⁴⁶), quer na escolha dos materiais e da cor. O recurso à utilização de materiais de simulação para dar o efeito de um castelo ou de um palácio fortificado, foi uma opção estética que se alcançou de uma forma económica. Bastou acrescentar à estrutura existente elementos executados em alvenaria de tijolo, como as torres e os merlões, e revestir todo o conjunto edificado com uma grossa argamassa riscada, pintada na cor creme, dando a impressão de se tratar de silharia em pedra. A finalidade era dar um tratamento cromático totalmente uniforme aos paramentos²⁴⁷.

No interior dos espaços da igreja e do convento, em contraste com a austeridade unicolor, criou-se uma exuberância de cores nos variados cambiantes do ocre e também utilizando cores neutras. Diversas texturas de materiais foram representadas: desde as pedras como o granito, os mármore e as brechas, até à cópia de um tecido em seda, através da técnica do *stencil*.

O estudo das tipologias adoptadas nas duas épocas estudadas, implicou o conhecimento, ainda que genérico, dos materiais utilizados e técnicas construtivas. Como todos os edifícios da época, também a igreja e o convento se estruturam num sistema autoportante, constituído pela alvenaria de pedra nas fundações e paredes. Por sua vez, essa estrutura apoia os outros elementos construtivos, tais como: pavimentos (de ladrilho de barro, mosaico cerâmico, algumas lajes de granito e soalho de madeira), abóbadas e abobadilhas (em tijolo maciço), bem como as coberturas (estrutura de madeira no sistema de asna, que suporta as telhas em canudo).

A segunda parte, na qual se preconiza uma proposta de conservação do conjunto edificado, teve como base referencial os princípios definidos pela Carta de Veneza, na *Declaração de Princípios da Sociedade para a Preservação do Património Construído*²⁴⁸, e a leitura de textos de personalidades dedicadas às questões da conservação do património, nomeadamente a *Teoria do restauro*, de Cesari BRANDI²⁴⁹.

²⁴⁶ Esses elementos, pertencentes a uma tipologia de cariz militar, são as torres, merlões e a cor ocre utilizada nas fortificações.

²⁴⁷ Além das paredes, as goteiras e outros elementos como os referidos na nota anterior, imitavam a pedra.

²⁴⁸ A *Declaração de Princípios* consta numa obra que reúne os textos mais relevantes no que concerne a acções de protecção e conservação do património cultural. Vide *Cadernos, Sociedade para a Preservação do Património Construído*, nº 1 (Textos fundamentais), Évora, 1996.

²⁴⁹ Consulte-se BRANDI, Cesare – *Teoria de la restauración*, versão espanhola de Maria Angeles Toajas Roger (trad.), Madrid, Alianza Ed., 1992.

Na estruturação da proposta de conservação deste imóvel, foram consideradas duas etapas: a primeira, referente ao levantamento do estado de conservação do conjunto edificado, teve como objectivo saber qual a natureza das anomalias existentes. A segunda, após o reconhecimento dessas anomalias, partiu para a apresentação de uma possível intervenção, assente nos princípios anteriormente referidos.

Desta forma, verificou-se que a primeira etapa, correspondente ao levantamento do estado de conservação, compreendia o registo das condições relativas a três grupos de materiais construtivos: primeiro, o das alvenarias, rebocos, estuques e pinturas; segundo, o das madeiras; e terceiro, o das pedras. Na sequência das observações respeitantes à intervenção do século XIX, foi estabelecida a ligação entre as características da construção (nos séculos XV e XIX), e as anomalias detectadas.

Nas fases de registo e avaliação das alterações (sintetizados em quadros), referiu-se a importância do recurso a aparelhos de medição e a análises laboratoriais. Contudo, dada a impossibilidade de obtenção dos referidos meios de precisão, alertou-se para a margem de erro que a simples observação visual poderia trazer: a aparência de determinada manifestação poderia ocultar a verdadeira razão dessa anomalia.

Foram identificadas as patologias encontradas nos três grupos de materiais acima identificados e localizados em zonas definidas previamente, dada a incidência dessas patologias nos espaços mais significativos da igreja e convento. Da observação dos aspectos construtivos que originaram as anomalias detectadas, concluiu-se que:

1. O sistema de coberturas se encontra em mau estado e o sistema de drenagem é deficiente;
2. Parte do convento se encontra abaixo da cota de soleira.

Deduziu-se também que a relação causa-efeito se encerra num ciclo, ou seja, as causas do aparecimento e agravamento das patologias nos três grupos de materiais considerados, se devem à progressiva perda de propriedades (como a coerência da estrutura interna), dos materiais. A nível particular conclui-se o seguinte:

1. Alvenarias, rebocos, estuques e pinturas - manifestação da humidade sob a forma de manchas verticais e horizontais, eflorescências, criptoflorescências, fungos, bolores, algas, musgos e líquenes. As patologias associadas a estas anomalias revelam-se pelas

desagregações, empolamentos, descoloramentos e decomposição de certos materiais como o papel de parede. Essa humidade é de origem pluvial ou do terreno;

2. Madeiras - ataques de xilófagos como térmitas, carunchos e fungos. Existência de lacunas de elementos ornamentais nas colunas renascentistas, devido a causas acidentais;

3. Pedras - deterioração sob a forma de arenização, esfoliação, desagregação, fissuração, argilização, presença de colónias de algas, bolores, fungos, líquenes e musgos, bem como ninhos de andorinha;

Como conclusão geral, referiu-se que a presença do elemento água é considerado um factor de extrema importância no processo de degradação dos materiais.

Em face da conclusão a que se chegou, após o reconhecimento dessas anomalias, propuseram-se algumas medidas de prevenção e correcção, quer a nível geral, quer a nível particular. Nesta segunda etapa, tendo em linha de conta os princípios anteriormente referidos, o objectivo centra-se na preservação da traça arquitectónica e características tipológicas do conjunto edificado. Com a finalidade de controlar e minimizar os efeitos da humidade, apresentou-se a nível genérico uma solução para este problema:

1. A reparação das coberturas e do sistema de drenagem das águas pluviais;
2. A colocação de uma vala de drenagem das águas superficiais;

A nível particular, foram propostas algumas soluções para os referidos três grupos de materiais, sem no entanto, se aprofundar as questões específicas para cada caso, devido à natureza do diagnóstico (o recurso à simples observação directa). Salientam-se as seguintes acções de reparação e de conservação:

1. Alvenarias, rebocos, estuques e pinturas - correcção das anomalias, remoção dos elementos afectados e aplicação de novos com as mesmas características. A uniformidade cromática patente nos materiais de simulação merece atenção pelas técnicas de aplicação e acabamento final. Garante-se deste modo o respeito pela autenticidade histórica e estética do objecto arquitectónico;

2. Madeiras - prevenção de futuros ataques de xilófagos com a diminuição dos teores de água nos elementos construtivos e aplicação de produtos químicos tóxicos. As peças atacadas por fungos deverão ser substituídas e as lacunas existentes no conjunto de colunas do século XVI (vide ponto 6.3.2.) poderão ser colmatadas;

3. Pedras - protecção superficial das mísulas e pedras de fecho com uma pintura de simulação. Remoção das colónias de algas, bolores, fungos, líquenes e musgos, assim como os ninhos de andorinha. Limpeza das pedras do cruzeiro e sua estabilização a nível estrutural.

Estabelecidas as bases para uma proposta de conservação do conjunto edificado onde foram expostas algumas medidas preventivas e de reparação, julga-se que esta investigação deverá ser mais aprofundada e realizada por uma equipa pluridisciplinar, como foi referido na introdução.

Para além da exposição destas medidas de recuperação, foi também contemplada a parte funcional do edifício. A permanente presença humana é também uma forma de recuperar, vista de certo ponto de vista. Quer isto dizer que, qualquer anomalia que surja, é mais facilmente detectável e poderá ser reparada num curto prazo.

Em virtude da qualidade dos espaços que o convento do Carmo contém e do seu valor histórico, concluiu-se que é possível a conciliação entre o uso habitacional e cultural, mantendo na íntegra as características tipológicas do conjunto edificado. Todas as acções de animação deste espaço cultural, além do investimento inicial nas obras de recuperação, deveriam contar com apoios institucionais, nomeadamente comunitários, governamentais e autárquicos.

Também a colaboração da população seria muito importante pela sua demonstração de interesse e, principalmente, pela vontade de mudar a forma como tem sido encarado o tratamento do património cultural no nosso país. Esse contributo, por enquanto, é pouco viável e até utópico, pois implica uma forte mudança a nível de mentalidades e de vivências. É contudo, um objectivo bastante desejável e que poderá vir a ser atingido pelas gerações vindouras, desde que haja vontade política e cultural para o fomentar.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Distrital de Beja:

- Documento relativo à realização de obras no Convento do Carmo, fólios 62 a 68
- Idem, fólios 69 a 71

Fontes Não Publicadas

FERNANDES, Maria da Conceição L. A. – *Os “restauros” e a memória da cidade de Évora (1836 – 1986)*, Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1998.

FREIRE, Maria da Conceição, GONÇALVES, Ana Amélia Nunes, ROSÁRIO, Cristina – *O Convento de S. Francisco de Estremoz*, Trabalho de Sistemática da Arquitectura apresentado no âmbito do Curso de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1995/96.

Fontes Publicadas

ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto, Portucalense Editora, 1967, S.A.R.L., v. I - IV.

ALMEIDA, José A. Pereira de (coord.) - *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1976.

ARAGÃO, Teixeira de - *D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira*, Lisboa, Tip. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1871.

ARAGÃO, Teixeira de - *D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira – Estudo histórico*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.

Arquitectura Popular em Portugal, Associação dos Arquitectos Portugueses, 3ª ed., Lisboa, 1988, v. III.

ASHURST, John & Nicola – *Stone masonry*, Practical Building Conservation, Hampshire, Gower Technical Press, 1990, v. I.

BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Petrologia e Geoquímica da Universidade Técnica de Lisboa, 1991.

BARROS, Luís Ayres de – *Alteração e alterabilidade de rochas ígneas*, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1971.

BARROS, Luís Ayres de, et alii. - *Termos de Petrografia mais utilizados em Portugal*, Lisboa, L.N.E.C., 1971.

BERLIOZ, Jacques – *Monges e religiosos na Idade Média*, Paris, Éditions du Seuil, 1994.

Bíblia Sagrada – Sociedade Bíblica Católica Internacional, 3ª edição, São Paulo, Paulus Editora, 1997.

BRANDI, Cesare – *Teoria de la restauración*, versão espanhola de Maria Angeles Toajas Roger (trad.), Madrid, Alianza Ed., 1992.

BUCHO, Domingos A. – *Mosteiro de São Bernardo de Portalegre*, Portalegre, edição da Câmara Municipal de Portalegre, 1995.

Cadernos, Sociedade para a Preservação do Património Construído, nº 1 (Textos fundamentais), Évora, 1996.

CAETANO, J. A. Palma - *Vidigueira e o seu Concelho*, Beja, edição da Câmara Municipal de Vidigueira, 1986.

CASTRO, João Baptista de - *Mappa de Portugal antigo e moderno*, 2ª ed. revista e aument., Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1763, t. III.

CASTRO, João Baptista de - *Roteiro terrestre de Portugal*, 5ª ed., Lisboa, Officina de Joaquim Rodrigues d'Andrade, 1814.

CASTRO, Lourenço de Mesquita Pimentel Sotto-Maior e - *Mappa chronologico do reino de Portugal e seus domínios*, Lisboa, J. B. Morando, 1815.

CHICÓ, Mário – *A arquitectura gótica em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.

COELHO, Simão - *Ordem dos Carmelitas – Compêndio das Chronicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, [Lisboa], per Antonio Gonçalvez, 1572.

CORNÉLIO da SILVA, José – “Política, conservação e restauro”, in *Aedificerum*, ano I (Junho), Lisboa, 1988.

CORREIA, Virgílio - *A arquitectura em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1929.

COSTA, António Carvalho da - *Chorografia portuguesa*, 2ª ed., Braga, Tip. de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868 - 69.

COSTA, F. Pereira da - *Enciclopédia Prática da Construção Civil*, Lisboa, Tip. Luís Marques Lda., Edição do Autor, nºs 13, 14, 16 e 17, s.d.

CUNHA, Rodrigo da - *História Ecclesiástica da Igreja*, Lisboa, ed. por Manoel da Sylva, 1642.

CUSTÓDIO, Jorge – “De Alexandre Herculano à Carta de Veneza”, in *Dar Futuro ao Passado*, Lisboa, SEC, IPPAR, 1993.

CUSTÓDIO, Jorge – “Possidónio da Silva e as origens da salvaguarda e valorização do património histórico – artístico e monumental português”, in *Arqueologia e História*, 1999, v. LI.

DIAS, Marina Tavares - *Lisboa Desaparecida*, Lisboa, Quimera, 1992, vols. II e III.

- DINIS, Pedro - *Das ordens religiosas em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Typografia de J.J.A. Silva, 1854.
- DRONKE, Peter - *As cidades simbólicas de Hildegarda de Bingen*, in «A simbólica do espaço. Cidades, ilhas, jardins», coord. Yvette Kace Centem e Lima de Freitas, Lisboa, 1991.
- ESPANCA, Túlio - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Beja, Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1943, v. II.
- FELLDEN, Bernard, JOKILEHTO, Jukka - *Management Guidelines for Cultural Heritage Sites*, Roma, ICCROM, 1993.
- FRANÇA, José-Augusto - *Lisboa: urbanismo e arquitectura*, Colecção Biblioteca Breve, 2ª ed., Lisboa, Bertand Editora, 1989.
- FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no Século XIX*, 3ª ed., Lisboa, Bertand Editora, 1991.
- HENRIQUES, Fernando - *A conservação do património histórico edificado*, Memória nº 775, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1991.
- HENRIQUES, Fernando - *Algumas reflexões sobre a conservação do património histórico edificado em Portugal*, in 2º ENCORE, *Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1994.
- HENRIQUES, Fernando - *Humidade em paredes*, Lisboa, L.N.E.C., 1995.
- JORGE, Virgolino Ferreira - “Espaço e Eritmia na Abadia Medieval de Alcobaça”, Separata do *Boletim Cultural* da Assembleia Distrital de Lisboa, nº 93, Lisboa, 1999.
- José Luís Monteiro na arquitectura da transição do século*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1990.
- KOCH, Wilfried - *Estilos de arquitectura*, Colecção Dimensões, Lisboa, Editorial Presença, 1982, vols. I e II.
- MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica*, Lisboa, Bertrand, 1930-1935.
- MARIA, Agostinho de Santa - *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores e dos devotos da mesma Senhora*, 2ª ed., Miscelânea, Lisboa, 1933.
- MARQUES, A.H. de Oliveira - “Pesos e medidas”, in *Dicionário de História de Portugal*, dir. Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, v.I.
- MASCARENHAS, J. Fernandes - “A origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta”, Separata do *Jornal de Moura*, 1954.

MONTEIRO, António Xavier de Sousa - *Bibliografia eclesiástica portuguesa*, Lisboa, Cruz Braga, 1964.

MONTEIRO, António Xavier de Sousa - *Revista das sciencias ecclesiasticas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870 - 1975.

MORAIS, António José – *Abordagem formal dos sistemas estruturais e sua conexão com a arquitectura. Proposta de um novo processo construtivo*, Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 1993.

OLIVEIRA, Miguel - *História Eclesiástica de Portugal*, Mem Martins, Europa-América, 1994.

PEREIRA, Paulo – “O convento do Carmo”, in *O Livro de Lisboa*, coord. Irisalva Moita, Lisboa, Livros Horizonte, 1994.

PEREIRA, Paulo – “O revivalismo: a arquitectura do desejo”, in *História da Arte Portuguesa*, 1ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 1995, v. III.

PEVSNER, Nikolaus - *Panorama da arquitectura ocidental*, São Paulo, Martins Fontes, 1982.

REDONDO, José do, - *Memorial religioso*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, 1744.

RIBEIRO, João Pedro - *Índice chronologico remissivo da legislação portuguesa posterior à publicação do código Filippino*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias, 1805 - 1830.

RODRIGUES, Maria João Madeira, et alii – *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 2ª ed., Coimbra, Quimera Editores, 1996.

RUA, Maria Helena – *Os dez livros de arquitectura de Vitruvio*, Lisboa, Instituto Superior Técnico, Departamento de Engenharia Civil, 1997.

SÁ, Manuel de - *Memórias históricas dos illustradissimos Arcebispos, Bispos e Escritores Portugueses da Ordem de Nossa Senhora. do Carmo...que entregou na Academia Real da História Portuguesa e a seu protector augustissimo Elrey D. João V*, Lisboa Oriental, Officina Ferreyriana, 1724.

SANTANA, José Pereira de - *Chronica dos Carmelitas*, Lisboa, Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvam, 1747 – 1751, tomos I e II.

SANTO ÂNGELO, Estêvão de - *Jardim Carmelitano*, Lisboa Occidental na Regia Officina Sylviana, 1741, tomos I e II.

SÃO JOSÉ, Jerónimo de - *História Cronológica da Ordem da SS. Trindade*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789-1794, vol. II, cap. XV.

SÃO TOMÁS, Leão de, - *Beneditina Lusitana*, Coimbra, Officina de Diogo Gomes de Loureiro, 1644 - 1651.

SARAIVA, José Hermano – *História concisa de Portugal*, Coleção Saber, 3ª ed., Mem Martins, Publicações Europa-América, 1979.

SEGURADO, J. E. dos Santos - *Alvenaria, cantaria e betão*, Biblioteca de Instrução Profissional, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.

SILVA, Andrade e - “Carta régia de 3 de Dezembro de 1614”, in *Colecção Cronológica da Legislação Portuguesa*, 1613-1619.

SILVA, J. Gomes da, ESPADA, Carvalho, d'EÇA, Almeida – *Paredes de edificios*, Lisboa, L.N.E.C., 1971.

SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da – *O que foi e é a architectura, e o que aprendem os architectos fóra de Portugal*, Lisboa, Imp. Silviana, 1838.

SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da – *Mémoire descriptive du project d'une restauration pour l'église monumentale de Belem à Lisbonne*, Lisboa, Typ. De Gazette de Portugal, 1867.

SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da – *Dissertation artistique sur l'architecture en Portugal depuis le XIIe. au XVIIIe. Siècle*, Lisboa, Imprimerie Franco-Portugaise, 1869.

SIMÕES, Augusto F. – “Ruínas Fingidas no passeio público de Évora”, in *Archivo Pittoresco*, Semanario Ilustrado, Lisboa, IIº Anno, 1868, Tomo XI.

SIMSON, Otto von – *A Catedral Gótica, origens da arquitectura gótica e o conceito medieval de ordem*, Coleção Dimensões, Lisboa, Editorial Presença, 1991.

VASCONCELOS, Joaquim de – *A reforma de Bellas-Artes*, Porto, 1877.

VASCONCELOS, Joaquim de - *História da Arte em Portugal - da Arquitectura Manuelina*, Coimbra, 1885.

VIOLLET-LE-DUC - *Dictionnaire raisonné de l'architecture française, du XIe. au XVIe. Siècle*, Paris, 1864, reimpressão de 1967, tomo VIII.

WERMERS, Manuel Maria - *A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal*, Lisboa, União Gráfica, 1963.

ZEVI, Bruno – *Saber ver a arquitectura*, Coleção Artes e Letras, 2ª ed., Lisboa, Arcádia, 1977.

ANEXOS

ANEXO I

in Arquivo Distrital de Beja, fólios 62 a 68

Saibam quantos este instrumento de concerto e obrigação virem que no ano do nascimento de N. Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e noventa anos, aos dezassete dias do mês de Abril do dito ano, em o Convento de N. Senhora das Relíquias da Ordem do Carmo, sito no termo da vila da Vidigueira, na casa do capítulo dele, sendo aí presente o Reverendo Padre Fr. Tomé das Chagas, Prior do dito Convento e o Padre Fr. Bernardo e bem assim António Carvalho, Pedreiro, morador na vila de Portel. E logo por ele dito António Carvalho foi dito perante mim Tabelião e testemunha ao diante nomeadas que o muito Ilustre Senhor D. Miguel da Gama lhe tinha dado a obra da Igreja nova deste Convento e estavam concertados para ele dito António Carvalho fazer pela maneira seguinte convém a saber, que ele dito António Carvalho se obrigava a fazer a dita Igreja de Nossa Senhora das Relíquias na forma e maneira que ao presente vai começada, conforme a traça e ordem que no dito Convento está. E cerraria de abóbada de berço a capela-mor e o mais corpo da Igreja se cerraria de abóbada de cruzeiro, levando por baixo sua cimalha que tornejará com as represas dos pés dos ditos cruzeiros e nas formas destes cruzeiros faria frestas rasgadas por dentro e por fora, como melhor parecerem e assim bem faria mais um alpendre sobre a porta principal da largura de toda a Igreja sobre o qual se deitará uma abóbada de cruzeiro, sobre que há-de estar o coro e os cunhais deste alpendre pela porta de fora. Serão de pedra da terra com um tabuleiro de três degraus de pedra ao de redor do alpendre no qual estará a porta principal que será de pedra da Vera Cruz, de tamanho conveniente que melhor parecer, com um ornato de colunas, metade de pedra e a outra metade de estuque, com um frontispício pela parte de fora, de alvenaria e dentro as armas do Senhor Dom Miguel e em pedra. E faria mais um campanário de dois rostos, para poder nele estar os sinos e o relógio e lhe daria serventia para poder ir a ele. E faria mais o arco da capela-mor desta, da maneira que está começado e no coro faria outro do mesmo tamanho em ordem e altura e em cima de cada um estará um espelho do tamanho que melhor parecer e faria digo a fecharia mais a abóbada do dito coro pela parte cima do cruzeiro, assim como o que [...] por baixo, a qual será da altura da mesma capela-mor. E faria mais duas capelas no corpo da Igreja, abaixo das do cruzeiro, de oito palmos de vão, com seus pés direitos de vasa e capitel de alvenaria e os fecharia de abóbada de berço por cerica?. E teriam cada uma delas dezasseis palmos de vão com seu degrau de pedra da terra. E faria mais, entre a capela do cruzeiro que está da parte do convento e esta capela, um púlpito de pedra da Vera Cruz, de tamanho conveniente ao espaço onde se há-de fazer, de forma redonda, ou quadrada, como melhor parecer. E faria mais abaixo da dita capela um corredor, que irá desde a crasta? até à parede da Igreja, fechado de abóbada como já agora está. Em a parede da Igreja faria um portal de pedra da Vera Cruz, de dez palmos de alto e seis de largo. E defronte deste portal está outro da outra parte da Igreja, da mesma altura e forma que era a porta travessa da Igreja. E faria mais na dita Igreja duas pias de água benta. Aos lados da porta principal, da parte de dentro, de pedra da Vera Cruz, ou de Viana e outra pia encostada à porta travessa. Da mesma pedra faria mais um tabuleiro na capela-mor, da altura de sete palmos, no qual estarão dois cruzeiros de abóbada, com suas entradas para se poder ir a eles, com suas portas de pedra da Vera Cruz. E toda será lajeada da mesma pedra e os degraus deste tabuleiro serão de pedra da terra. E lajearia mais toda a capela-mor de pedra da Vera Cruz, escudada. E faria mais na dita capela-mor uma tribuna no arco, que já para lá está aberto, na qual estarão umas grades ou [...] de pedra, com seu pedestal e couceira debaixo. E para esta tribuna daria entrada e distância conveniente. E assim mais, ladrilharia o corpo da Igreja e alpendre e capelas de ladrilho em [...] ou como melhor parecer

e assim mais lograria o cruzeiro de pedra da Vera Cruz. E assim mais se obrigava a rebocar e guarnecer toda esta obra, de dentro e de fora, com suas cornijas e cimalthas, por dentro e por fora, com seus raspados e guarnições, como melhor parecer, com declaração que a parede da parte do Convento guarneceria toda a que estivesse à vista dos telhados para cima e assim telharia toda a dita Igreja de telha emboçada ou ensopada, como melhor parecer, com seus canos e algeroz, donde lhe forem necessários e toda esta obra disse ele dito António Carvalho que se obrigava, como de feito obrigou, a fazer em termo de vinte e dois meses que correrão da feitura desta, salvo se nas paredes se conhecer não estarem enxutas, para se poderem carregar com abóbadas, não havendo de sua parte falta em as fazer e levantar para poderem ser enxutas no tempo em que se obriga a fazer a dita obra e tudo atrás declarado se obrigava a fazer por preço e quantia de seiscentos e dezoito mil réis, os quais se lhe dariam e entregariam a ele dito António Carvalho pela maneira seguinte, convém a saber: logo à feitura desta duzentos cruzados, que logo confessou ter já recebido e os mais pagamentos, até se acabar a dita quantia de trezentos mil réis lhe fariam de três em três meses, dando-lhe em cada paga cinquenta mil réis, dos quais seiscentos e dezoito mil réis que por esta obra se hão-de dar ao dito António Carvalho pagaria o dito Senhor Miguel somente quatrocentos mil réis e o Senhor André Coutinho, Capelão, fidalgo de Sua Majestade, cem mil réis de que faz esmola ao dito Convento para esta obra. E os cento e dezoito mil réis pagaria este Convento e a ordem destes pagamentos assentaram que seja como os ditos senhores ordenassem. E além desta quantia daria ele dito Senhor D. Miguel ao dito António Carvalho, como de feito logo deu e entregou, todas as achegas que na dita obra estão, assim de cal como de tijolo, pedra lavrada e por lavrar e telha e madeira, cordas, calabres e tudo o mais que na dita obra há, do dito Senhor D. Miguel e trazida a ele por sua conta. E o Padre Prior deu ao dito António Carvalho um calabre de linho, que trouxe de Lisboa, para se fazer a dita obra e para sempre. E por firmeza de tudo disse ele, dito António Carvalho, que se obrigava a tudo cumprir, como atrás fica declarado, para o que obrigava todos seus bens móveis e de raiz, havidos e por haver, etc...

ANEXO II

in Arquivo Distrital de Beja, fólhos 69 a 71
Leitura de

Saibão quantos este instrumento de obrigação virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e noventa e cinco anos, aos vinte e seis dias do mês de Setembro do dito ano, no Convento e Mosteiro das Relíquias, da Ordem do Carmo, sito no termo da vila da Vidigueira no capítulo do dito Convento, sendo aí juntos ao som de campã tangida, os muitos reverendos padres o Pe. Fr. Fernando Prior do dito Convento e o Pe. Fr. António da Mota e o Pe. Fr. Teodósio Bartolomeu Serra e o Pe. Fr. Manuel de São João e o Pe. Fr. Elias e outros mais padres, conventuais do dito Convento e bem assim António Carvalho, mestre das obras, morador na vila de Portel. E logo por ele dito António Carvalho foi dito que ele se obrigava a reformar as duas torres da Igreja do dito Convento, convem a saber: a da parte de fora que fique de vinte palmos em quadrado de [?] pela parte de fora e a torre que está da parte do Convento de desanove palmos em quadrado por fora e se obrigava a fazer seu farol ao longo da dita torre para os pesos do relógio e assim faria sua escada de alvenaria de três palmos e meio de vão cobrados para subirem às torres pela parte de fora que entre do antecoro para riba [...] da torre terá quatro janelas para os sinos...etc...

ANEXO III

in SANTANA, José Pereira de - *Chronica dos Carmelitas*, Lisboa, Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvam, 1747 - 1751, tomo II.

Parte IV

Num. 579.

Documento XXIV

Auto de posse, que a Religião tomou a terra, que pedro Affonso, e sua mulher derão, para se se fazer nella a Ermida de Nossa Senhora das Relíquias.

Em nome de Deos Amen. Saibão quantos este Compromisso feito a prazer de partes virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil, e quatro centos noventa e seis annos ao primeiro dia do mez de Fevereiro do dito anno em o Mosteiro de Nossa Senhora Santa MARIA das Reliquias, termo da villa da Vidigueira, em presença de mim Tabellião ao diante nomeado, e das testemunhas, que ao diante vão escritas, parecerão ahi partes, convêm a saber, Pedro Affonso Alfayate, lavrador e sua mulher Margarida Fernandes, moradores no termo da villa de huma parte, e da outra parte pareceo ahi o Reverendo Padre Frey Rodrigo de Beja (...) e o Padre Frey João Gallego, Sancristão do Mosteiro do Carmo de Lisboa, e logo pelo dito Pedro Affonso [e mulher] e disserão, que era verdade, que a terra, em que se fez o dito mosteiro (...) era propria delles (...), e que por bem da munta gente, que hora novamente vinha á romagem da dita Senhora, lhefazião munto nojo do pão que tinha semeado na terra, que ahi tinha cada anno; e que es-guardando elles primeiramente que vinhão, e vierão a tal concerto, por evitarem demandas, que se sobre ello poderião recrescer, que elles Pedro Affonso, e a ditta sua mulher, lhes aprazia, como de feito aprove de darem, como de feito logo derão, á dita Senhora, e frades do dito Mosteiro está edificado, e mais da porta do alpendre da Igreja do dito Mosteiro vinte, e sete vâras de medir de terra contra Lisboa, e mais contra a Vidigueira quinze varas de medir; e mais a azinheira, onde chegão as cazas, contra a serra, vinte, e duas varas, e meya; e mais da outra, contra onde nasce o Sol, doze varas, e meya segundo já está vallado; a qual terra de assentamento de Mosteiro, casas, e Igreja, e assim do que está de arredor, como dito he, lhe davão deste dia para todo sempre ao dito Mosteiro, e frades; com tal condição, que elles ditos frades, e os que depois delles vierem, (...), lhe digão em, cada hum anno para sempre tres Missas rezadas com seus Resposos, e convem a saber; huma pelas oitavas do Natal, e outra pelas Oitavas da Pascoa florída, e a outra pelas oitavas de Pentecoste, por suas almas: e que quando as houverem de dizer, e sendo elles falecidos, que o requeirão aos frades hum de seus herdeiros (...): e o dito Provincial, e Frey João disserão, que elles por si, em nome do dito Mosteiro, e frades tomavão, e lhes prazia de tomar a dita terra, como dito he, com o dito arrendamento de Mosteiro, e que obrigavão os bens e rendas do dito Mosteiro a dizer as ditas Missas pela guiza que dito he cada anno; e que privilegios que contra esto alleguem, que lhe não valhão, senão que sempre lhe fação dizer as ditas Missas (...) sob obrigação de todos os seus bens, moveis, e de raiz, que para ello obrigarão, e em testemunho delles todos outorgarão, e mandarão dello assim ser feito este Instrumento de compromisso, que foy feito, e ortogado dia, mez, e anno logo sobredito, testemunhas Braz Luiz, Cavalleiro da Caza del Rey Nosso Senhor, e Contador de sua fazenda, e João Affonso Escudeiro da Senhora Infanta Dona Beatriz, e João Martins, e João Soudo, moradores da dita villa, e eu Luiz Rodrigues Tabellião em a dita villa por elRey Nosso Senhor, que esto escrevi, e a qui meu publico final fiz, que tal he.

ANEXO IV

Quadro comparativo dos espaços das igrejas¹

IGREJA - espaços medidos em palmos			
1. Convento de Moura, 1251;	2. Convento de N. Sra. do Carmo, Lisboa, (1392 - 1402);	3. Convento de Santa Ana, Colares, 1457;	4. Convento de N. Sra. das Relíquias, Vidigueira, 1496.
A igreja surgiu a partir da junção da capela de Santa Ana (a primeira a ser construída e sexta em relação à ordem de capelas do lado da Epístola) com a ermida de Nossa Senhora da Luz.	O conjunto foi fundado - à semelhança do primeiro convento Carmelita no Monte do Carmelo, Palestina -, " <i>na descida Oriental de outro famoso monte (...) em correspondência do monte do Castelo</i> "; embora siga o modelo dos templos das ordens mendicantes, a sua arquitectura foi influenciada pelo Mosteiro da Batalha; todos os tectos da igreja eram abobadados. Junto a esta igreja estão implantados muitos padrões e, à frente desta, junto ao pórtico principal, um cruzeiro denominado <i>Cruz da Sagração</i> .	A igreja surgiu a partir da existência da capela de Santa Ana (também denominada Orago), que se situa no cruzeiro, do lado do Evangelho.	Dada a existência de uma construção- a Ermida de N. S. das Relíquias, o 4º convento dos Carmelitas Calçados foi instituído sob os auspícios de Vasco da Gama em 1493; a partir de 1496 inicia-se a construção do convento: durante quatro anos foi conservada a ermida original, enquanto decorriam as obras; a partir de 1505 foi construída uma igreja maior; em 1593 foi reedificada uma igreja ainda maior, com o patrocínio de D. Miguel da Gama...até à completa remodelação efectuada no século passado.
CAPELA - MOR			
Dimensões até 1725: 49 ³ x 28 x 23 e ½ ; abóbada de cruzeiro; esta capela era considerada desproporcionada, até que " <i>(...) o Padre Fr. Pedro das Chagas (...) entrou no projecto de a pôr em forma regular, por meyo de huma architectura perfeita</i> "; dimensões: 53 e ½ x 28 x 46; abóbada de berço; arco principal: 25 (larg.) x 34 e ½ (alt.).	Dá-se notícia de ser bastante espaçosa, pela descrição do coro; e por ter fenestração ao nível de dois andares ⁴ ; nas paredes foram escavados nove nichos, no lado do Evangelho, e oito, no lado da Epístola; o nono foi ocupado pelo órgão.	Dimensões: 41 x 24 x 36 de altura (até à cimalha); desconhece-se a altura da abóbada; foi reconstruída em 1725.	Dimensões: 60 x 35 x 70 " <i>de alto</i> "; o acesso ao presbitério (19 x 35) é feito por oito degraus. Nas paredes laterais da zona do presbitério, encontram-se dois nichos que abrigam os túmulos da família dos Gamas (o de Vasco da Gama fica do lado do Evangelho); aliás ao descer para o pavimento da capela-mor, o mesmo encontra-se repleto de campas pertencentes aos Gamas. Todo este espaço é abobadado; o arco exterior em pedra, ladeado por dois púlpitos é fechado por grades.

¹ Ob. cit. Elementos recolhidos segundo SANTANA, José de - *Crónica dos Carmelitas*, tomos I. e II.

² Ob. cit. Segundo ALMEIDA, José A. Ferreira de - *Tesouros Artísticos de Portugal*, 1976.

³ Comprimento desde o arco até ao retábulo.

⁴ Ob. cit. PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa*, v. I, p. 421.

CAPELAS COLATERAIS E CAPELAS LATERAIS

Da parte do Evangelho, três capelas e da parte da Epístola, seis; tanto a primeira de um lado, como a do outro lado, foram construídas desde a fundação da igreja (22 x 17 e ½ x 32).	São quatro capelas que ladeiam a capela-mor, segundo o sistema mendicante, com tramos rectos e topos poligonais ⁵ ; a primeira capela colateral do lado do Evangelho é dedicada a Sta. Ana e tem 30 palmos de profundidade; a que se segue é mais pequena; do exterior este conjunto de capelas forma cinco corpos semicirculares, reforçados por contrafortes; outras duas capelas - da Encarnação e da Cruz -, rematam os topos do cruzeiro e a sua altura excede à da capela-mor e atingem a altura das abóbadas da nave central; ao longo do corpo da igreja, contam-se vinte e cinco capelas laterais.	Situadas no cruzeiro, há duas capelas "fundas": a da parte do Evangelho é a de Santa Ana, acima referida; a do lado da Epístola é consagrada a Santa Luzia.	Nos topos do cruzeiro foram construídas duas capelas, de iguais dimensões: 22 x 23 x 35 (até à abóbada); a da parte da Epístola é a de N. S. da Conceição; a do lado do Evangelho, chamada do Sacramento, possui um tabernáculo saliente. As paredes dos lados estão revestidas a azulejo. Na nave, existem duas capelas laterais: a do lado esquerdo, dedicada a Santo Amaro está "à face", aberta no <i>grosso da parede</i> ; do lado direito, a outra capela intitulada por Senhor Jesus fundada por Brites Nunes, <i>he funda, e de abobada</i> .
NAVE - corpo longitudinal			
Dimensões: 142 ⁶ x [30 (corpo central) + 2 x 16 (corpos laterais) ⁷] x 45; três naves, divididas por seis arcos assentes em colunas quadrangulares, relevadas com um semicírculo em cada lado; capitéis trabalhados "de obra Mosaica"; altura do frontispício do corpo do meio: 25; dos corpos laterais: 12 e ½.	O corpo é formado por três naves de cinco tramos abobadados, as quais são divididas por cinco arcos quebrados em cada lado, com transepto saliente; dimensões: 328 (a contar com a capela-mor) x 100 x 112 (do pavimento até à abóbada superior); nas <i>teias</i> , que dividem a nave central com as laterais, foram instalados doze confessionários.	Uma só nave, com 84 x 33 (a contar do pórtico até ao arco exterior da capela-mor) x 48 de altura (até à cimalha); desconhece-se a altura da abóbada	Uma só nave, com 124 (do arco da capela-mor até à porta principal) x 50 (vão entre as paredes das capelas, " <i>além do fundo de cada huma</i> ") x 80 (até à abóbada de berço); outra referência é-nos dada pelo autor: 184 palmos (a contar desde a porta até à parede da capela-mor).

⁵ *Ibidem*.

⁶ Medida desde o exterior da capela-mor até ao fim da parede da porta.

⁷ Medidos até ao eixo da pilastra.

CORO da capela-mor e CORO alto			
Do lado esquerdo do coro da capela-mor situa-se o órgão; o acesso para o coro alto é feito através de uma porta sita entre a segunda e a terceira capela do lado do Evangelho: "(...) sobre esta se rompeo e parede, e se fez hum Coro alto com 21 palmos de fundo e largura competente"; o tecto é em abóbada abatida.	No espaçoso coro da capela-mor "(...) onde se accommoda a nossa comunidade (...), capaz de competir com as mais avultadas do Reyno", as cadeiras estavam dispostas lateralmente até ao presbítero; o coro alto foi reedificado e ocupava toda a largura da igreja; abriu-se a parede meridional, colocando-se umas grades em tribuna, para ter vista para a igreja.	No coro da capela-mor, as cadeiras estão encostadas nas paredes dos lados; "(...) neste seu lugar, desde a fundação da Igreja [há 300 anos], (...) sempre os religiosos fizeram as suas funções solennes(...)"; o coro alto não se sabe quando surgiu, contudo "(...)o Padre Mestre Fr. Filipe de Santa Teresa mandou continuar (até que poz na ultima perfeição)".	O coro baixo ocupa toda a largura da capela-mor, na qual as cadeiras encontram-se encostadas nas paredes. Quase a meio da parede do lado da Epístola, uma porta dá serventia para o dito coro; na parede oposta, outra porta comunica com um compartimento chamado <i>sacristia velha</i> ; sobre a entrada assenta numa abóbada apainelada, a toda a largura da nave, o coro alto.
PÚLPITOS			
O púlpito principal situava-se na segunda coluna do lado direito, a contar da capela-mor; a ladear esta existiam também dois púlpitos: um do lado do Evangelho e outro do lado da Epístola.	Os dois púlpitos situavam-se, repectivamente, nas primeiras colunas da nave central, a contar a partir do cruzeiro; existiram outros dois, encostados na parte inferior do arco da capela-mor, orientados para o cruzeiro: um do lado da Epístola, o outro do lado do Evangelho.	Não menciona a existência do púlpito.	O púlpito localiza-se junto ao arco da capela lateral esquerda da nave, com uma escada aberta na parede.
PAVIMENTOS			
Inicialmente em terra mal compactada, com cerca de 120 campas dispostas desordenadamente; com a nova campanha de obras, as naves laterais foram lageadas aproveitando as campas sem inscrições e a nave central foi assoalhada em madeira.	Predomínio de lages de campas em mármore ou jaspe. Muitos pavimentos eram lageados a três cores de pedra: brancas, vermelhas e <i>negras com curiosos lavores</i> .	Não se refere ao material de revestimento; contudo, sabe-se que o pavimento da capela-mor está elevado à altura de três degraus e que os mesmos são em pedra <i>lavrada</i> .	O pavimento da capela-mor, encontra-se preenchido com campas pertencentes aos Gamas; o pavimento da capela lateral do lado do Evangelho forma o um motivo em xadrez, em pedras brancas e pretas; no meio existe uma campá; na nave não existem sepulturas de personalidades relevantes, com excepção na entrada da porta principal.

SACRISTIA			
A capela-mor comunica com a sacristia através de uma pequena porta quinhentista ⁸ ; as dimensões são as seguintes: 43 x 28 e ½.	Este amplo espaço é constituído por dois corpos, estando o último orientado a nascente.	O acesso a esta é feito pelo lado direito do primeiro claustro; ao lado está a <i>fermosa Capella, donde se tresladou para a Igreja (...) a imagem de JESU</i> "; em frente à porta deste espaço de planta quadrada, vê-se a torre.	A chamada <i>sacristia velha</i> comunica com a capela lateral esquerda.
ILUMINAÇÃO			
Capela-mor: duas janelas laterais - a da direita era fingida; a primeira e segunda capela do lado do Evangelho têm clarabóia; a Segunda e terceira capela do lado da Epístola são iluminadas por uma única fresta; na fachada - acima do pórtico, no frontispício -, um grande óculo com <i>"rede de alvenaria"</i> ilumina todo o corpo da igreja; na sacristia há uma grande janela de peitoril.	Toda a igreja era bem iluminada, dada a profusão de janelas, óculos e frestras abertas nas paredes, arcos e interior das capelas.	A sacristia é bem iluminada, <i>"por ter huma fermosissima janella aberta para o Poente"</i> . Quanto ao espaço da igreja, não se sabe que tipo de iluminação teria, no entanto, pela descrição de outros compartimentos do edifício do convento, os mesmos são referidos como <i>"alegres"</i> ; o refeitório tem duas grandes janelas orientadas a Poente	A capela-mor é muito bem iluminada por quatro <i>"óculos ovados"</i> , dois em cada uma das paredes. No meio do <i>"eirado"</i> do pórtico, uma grande janela está aberta para o coro-alto, encimada por um óculo, <i>"pelo qual a luz se comunica a toda a Igreja"</i> . A capela lateral do lado do Evangelho tem um zimbório.
PÓRTICO			
Pórtico renascentista - <i>"obra toda Mosaica"</i> , em mármore e com nicho quadrangular que abrigava a imagem de N. Sra. do Carmo.	O pórtico principal, constituído por um portal com arquivoltas, está orientado a Este ⁹ .	O pórtico principal está orientado a Este, pelo qual se entra por um adro que termina com uma cruz denominada Sagração.	A entrada principal está orientada a Oeste (<i>"meio dia"</i>); o pórtico abobadado, <i>"que fôrma hum eirado"</i> , assenta sobre um patamar em pedra com três degraus. Os alisares são ladeados por duas colunas, nas quais assenta a abóbada da varanda (do <i>"eirado"</i>); o remate é feito por um escudo de armas, encimado com uma coroa.
TORRES			
Presume-se que a torre inicial seria de modestas dimensões; contudo, foi erigida no mesmo sítio uma grandiosa torre de 89 palmos de altura até à cimalha real, com quatro sineiras; por fim, esta torre chegou a ter campanários para oito sinos e atingir 117 palmos de altura; a abóbada é de aresta e a escada é em pedra.		Existe apenas uma torre (tipo campanário), de planta quadrada e de <i>"altura competente á Igreja"</i> , fecha na parte superior com abóbada e a cobertura é piramidal, de quatro lados, e em pedra; comporta dois sinos.	Duas torres quadradas, com 115 palmos até à cimalha, estão abertas pelas quatro faces. A do lado Este comporta três sinos.

⁸ De acordo com o texto de OLIVEIRA, Manuel Alves de - *Guia Turístico de Portugal de A a Z*, 1990.

⁹ Acrescente-se que a fachada original obedecia ao modelo de dois naves: *"sendo o central o mais alto, de empena triangular e onde se inseria uma larga rosácea"*. Ob.cit. PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa*, v. I, p. 422.

Quadro comparativo dos espaços dos conventos

CONVENTO - configuração geral dos vários edifícios			
1. Convento de Moura, 1251;	2. Convento de N. Sra. do Carmo, Lisboa, (1392 - 1402);	3. Convento de Santa Ana, Colares, 1457;	4. Convento de N. Sra. das Relíquias, Vidigueira, 1496.
No séc. XVIII, todo o conjunto sofreu muitas alterações; algumas zonas foram mesmo reedificadas. O ideal de então era o aperfeiçoamento do que estava incompleto e a correcção de erros " <i>da primeira architectura</i> ".	Todo o conjunto é o reflexo de uma linguagem arquitectónica grandiosa, monumental, que D. Nuno Álvares Pereira quis levar a efeito, inspirado pelo "ciclo do Graal", e que depois, despojando-se de todos os bens materiais, o dodou à Ordem dos Carmelitas, tornando-se ele próprio num deles como Frei Nuno de Santa Maria ¹⁰ .	No séc. XVIII, todo o conjunto sofreu alterações. A prática corrente era o aperfeiçoamento do que existia, até pôr " <i>na ultima perfeição</i> ".	O edifício do convento está orientado a nascente, em relação à igreja ¹¹ ; a fachada, correspondente ao dormitório principal de dois pisos, tem uma aparência esbelta, regular e harmoniosa.
PORTARIA			
Na entrada da portaria há um alpendre suportado por duas colunas em pedra na ordem Toscana; o interior deste espaço quadrangular mede 30 palmos, é abobadado e tem uma porta que dá acesso para o interior do claustro.	Junto à portaria principal e fontispício da igreja (orientado a sul), estende-se um amplo <i>Adro Sagrado</i> .	O pórtico, orientado a Norte, é antecedido por um átrio sustentado por 3 arcos de pedra.	A portaria, que foi anteriormente a segunda igreja, encontra-se por baixo do referido dormitório; tem tecto abobadado com quatro tramos.
SALA DO CAPÍTULO			
Dimensões: 57 e $\frac{3}{4}$ x 27, o tecto é abobadado e uma das paredes tem três frestas.	Na ala oriental do claustro, passada a porta que dá acesso à sacristia, existe um pórtico que conduz a um espaço regular denominado <i>capítulo dos bispos</i> .	Sita na ala Sul do claustro, serve simultaneamente de cemitério*; na parede orientada a Este, encosta um altar	A meio do lanço considerado a nascente está a casa do capítulo, abobadada, com um altar e com uma sepultura.
REFEITÓRIO			
Dimensões do compartimento que antecede o refeitório, denominado capítulo do refeitório: 29 e $\frac{1}{2}$ x 27; o refeitório tem 84 e $\frac{1}{4}$ x 30 e é abobadado.	É contíguo à sala do <i>capítulo dos bispos</i> ; o espaço é desafogado e o tecto é em abóbada de laçaria, cujas pedras de fecho representam as armas da religião, as reais e as três esferas; o espaço é bem iluminado, com duas altas frestas; " <i>he sem duvida hum dos melhores do Reyno</i> "; dimensões: 150 e $\frac{1}{2}$ x 39.	No mesmo lanço, segue-se o refeitório, " <i>que he proporcionada para a grandeza do Convento</i> "; junto ao refeitório, um porta dá serventia para a cerca.	No lanço nascente, o refeitório " <i>he de grandeza competente</i> " e é iluminado por uma janela bem dimensionada, orientada para o considerado sul.

¹⁰ Vide PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa*, v. I, p. 422.

¹¹ Na verdade, está orientado a sul da igreja, e não a nascente.

CLAUSTRO			
É quadrado: cada uma das alas tem 105 e $\frac{3}{4}$ x 14 e $\frac{3}{4}$ 12;; os vãos são formados por uma circunferência de colunas entre pilastras de mármore; o pátio, dividido em quatro canteiros iguais com uma fonte ao centro, mede 91 palmos de lado;; por cima das abóbadas do claustro correm varandas.	Tem dois claustros: o principal, de planta rectangular, com 130 x 110, tem arcos assentes em pilastras que suportam as abóbadas e, superiormente, as varandas e as galerias dos dormitórios; os lanços norte e sul têm nove arcos; os lanços nascente e poente, sete; no piso acima, cada uma das janelas tem correspondencia com uma das sacadas da varanda e um dos arcos; o pátio contém um jardim dividido em quatro canteiros, com uma cisterna em pedra de Arrábida, ao centro. O claustro secundário, fica entre as <i>officinas do convento</i> .	De planta quadrada, os vãos são formados por colunas entre arcos, que sobre cada um há uma janela; o pátio tem um chafariz ao centro; por cima do claustro correm varandas em galeria nos quatro lanços.	O acesso deste espaço quadrangular é feito pela portaria; no piso térreo cada lanço é formado por quatro arcos e no segundo piso, corrido por varandas, tem oito mais estreitos; cada lanço tem 70 palmos de largura; no meio do claustro situa-se o poço.
DORMITÓRIOS			
São dois: um com 120 palmos de comprimento; o outro com 138; o acesso é feito por uma remodelada e espaçosa escadaria em pedra.	Caracterizam-se pela sua regularidade, espaço e iluminação; todo o piso superior é ocupado pelos chamados " <i>dormitórios altos</i> ", (compostos por três principais e por dois com uma única ordem de celas), se bem que no piso térreo da ala oriental haja uma sala - que foi outrora a livraria -, que serve de habitação dos frades.	No lanço poente situam-se as celas abobadadas, onde se acomodam os irmãos; numa delas foi feita a capela da Conceição. No mesmo lanço, a nível do primeiro piso, situa-se o chamado " <i>dormitório alto</i> ", onde é acomodada a maior parte da comunidade, pertencendo a primeira cela ao prior.	Em todos os lanços do piso superior do convento estão distribuídos dormitórios, associados a uma <i>capela conventual</i> , e à livraria.
LIVRARIA			
"(...) em tempos mais antigos foi grandiosa(...)"	Localiza-se no dormitório poente, denominado " <i>da Rua</i> "; tem duas grandes janelas e várias frestas.	No mesmo lanço dos dormitórios, a última cela serve de livraria.	No lanço dos dormitórios sobre a casa do capítulo e refeitório, a ordem orientada para a cerca, com janelas, é a livraria.
OUTRAS DEPENDÊNCIAS			
A casa de noviciado de 106 e $\frac{1}{3}$ x 32, tem uma grande janela conventual que ilumina todo aquele espaço; de um modo geral, as " <i>officinas</i> " eram de boa construção, dada a regularidade das paredes e a distância entre vãos ser considerada razoável.	Inicialmente o noviciado situava-se na ala ocidental, passando a coristado; várias capelas foram edificadas a nível do piso térreo do claustro principal, além de ser aproveitado o <i>capítulo velho</i> ¹³ .	A cozinha (lanço Sul), possui um engenho de aproveitamento das águas; a nível do primeiro piso, no lanço Norte está a chamada " <i>casa de fogo</i> "; no lanço Sul localiza-se o Noviciado.	

¹² Contando-se a partir da parede interior até à extremidade dos arcos exteriores.

¹³ Antigo cemitério dos religiosos, para onde foram trasladadas oito campas oriundas do cruzeiro da igreja (cemitério inicial).

